

Poesia histórica e/ou realidade literária – Walther von der Vogelweide e a “Alemanha” nos séculos XII e XIII: uma abordagem culturalista*

Álvaro Alfredo Bragança Júnior**

Especialmente a partir do século XX observa-se no âmbito das ciências sociais e da linguagem um maior grau de aproximação no que se refere à possibilidade de se depreender e apreender aquilo que convencionamos chamar de real. Como símbolo de uma construção ideal, mas ao mesmo tempo empiricamente passível de datação, o conceito “realidade” permite diversas formas de entendimento como *background* para a formulação de teorias epistemológicas. Seja qual for, porém, a abordagem interpretativa, qualquer discurso que afirme ou negue o real insere-se dentro de uma visão cultural específica, que norteia o *modus faciendi* dos discursos científicos específicos.

Nossa esfera de atuação prende-se às ciências histórica e literária e em que medida esse processo cultural operacionaliza conjuntamente o fazer literário e o fato histórico. Para tanto, consideramos necessárias algumas palavras sobre cultura.

Etimologicamente, *cultura* deriva-se do verbo latino *colere*, cuja acepção primordial seria “cultivar”. Portanto, o cultivo de determinada área associa-se metaforicamente ao cuidado com algum campo do saber, que durante gerações frutifica, na medida em que os séculos lhe atribuem insumos de variados tipos, configurando-lhe posteriormente um novo plano de existência, refletor de um determinado período e inserido dentro de uma conjuntura social específica. Uma das formas de chegada a esses desdobramentos espaço-temporais é o texto escrito. Tanto a História quanto a Literatura, constituídas enquanto *epistème*, trabalham com textos, embora com objetivos diferentes. A uma modelar tentativa de se “documentar” o passado e o presente de uma junta-se o labor essencialmente estético da outra. De forma resumida, poderíamos dizer que ambas vêm na palavra escrita uma fonte de criação e de recriação de um dado momento. Nesse estágio, a cultura e a realidade indissociam-se. Testemunho e documento apresentam pontos de convergência e divergência em seus procedimentos decodificadores do “real”. O que talvez possa uni-los é a visão de uma “história cultural”, como a proposta por Chartier¹ ao definir o objeto de estudo desta ciência: *identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma*

determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma historicização da obra literária, como afirmam Pereira & Chalhoub² é pleiteada, pois pode-se através da mesma, após sua inserção dentro do movimento social, *investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo.* Tal texto serve de pretexto e como possível patamar para contextualizar microhistoricamente um certo dado cultural. Ao definir as relações entre cultura e texto literário, Doris Bachmann-Medick³ afirma que

Entender cultura como texto significa delimitar campo comum, que somente pode ser trabalhado de questionamentos transdisciplinares: a cultura é um campo, que – de forma semelhante a um texto – possibilita diversas formas de leitura. A própria atenção direciona-se à condensação de significados interpretativos das formas de representação cultural como, do mesmo modo, às estratégias retóricas na representação das culturas.

O trabalho inter e transdisciplinar entre os discursos histórico e literário, ao se entrecruzarem, oferecem um campo de visão mais amplo, embora não único, de um determinado "sujeito cultural", coletivo ou não, consciente ou não de seu papel como agente transmissor de informações sobre sua geração. Destarte, uma ficcionalização da História não é o nosso objetivo, mas sim a ficção literária historicamente tratada como produto cultural.

Ao tratarmos da Baixa Idade Média em regiões do Sacro Império Romano-Germânico encontramos alguns elementos culturais, cuja abordagem histórico-literária possibilita-nos um viés para a reconstrução daquele passado. Poesia, enquanto realidade literária, como relato histórico sobre os séculos XII e XIII pelos poemas do seu maior *Minnesänger*, Walther von der Vogelweide.

O trovador em questão teria nascido aproximadamente em 1170, possivelmente no Tirol, em território da atual Áustria, apesar de não haver uniformidade quanto a sua cidade natal, vindo a falecer por volta de 1230 em seu feudo localizado nas proximidades da atual Würzburg. O que sabemos de sua vida pode ser inferido, em grande parte, de seus próprios escritos, já que Walther legou à posteridade poemas característicos das três grandes

subdivisões do lirismo trovadoresco em alemão. Possivelmente descendendo de família da baixa nobreza, jovem ainda foi levado à Viena, onde foi educado no *singen und sagen*, i.e., “cantar e dizer”, tendo como seu mestre Reinmar von Hagenau. É a época do *hohe minne*, do alto amor, estilizado, artificial, onde a mulher inacessível é a senhora dama, *herrîn frouwe*, e o espaço do jogo amoroso normalmente é o castelo. O poeta é consciente de seu mister:

Minne ist ein gemeines wort,
und doch ungemaine mit den werken: dêst also.
minne ist aller tugende ein hort:
âne mine wirdet niemer herze rehte frô.
sît ich den gelouben hân,
frouwe Minne,
fröit ouch mir die sinne.
mich müet, sol mîn trôst zergân.

O amor cortês é um termo de conhecimento geral,
porém poucos conhecem sua essência: isto é certo.
O amor cortês é a fonte primeira de todas as
virtudes; sem ele nenhum coração se alegra corretamente.
Já que nisso creio,
senhora Amor,
meu coração também se regozija.
Dói-me o malogro de minha esperança.

O endeusamento literário da figura feminina não é objeto de nosso atual estudo, porém a necessidade da reabilitação da mulher enquanto personagem ocupa um espaço importante dentro do edifício social do baixo medievo. Ou se através da lírica mariana dos séculos X e XI, ou proveniente da literatura em árabe, ou chegando às plagas germanófonas vindo da Provença com os *troubadours* ou como resquício tardio do trabalho com os textos literários em latim clássico, fato incontestado é o amor cortês – *minne* – coroando esteticamente um modelo de representação de um ideal social.

Walther, por outro lado, conhecedor dos elementos formais do “alto amor”, acrescenta a estes novos *topoi*, ao colocar em cena uma relação mais pessoal entre o eu-lírico e a figura feminina, tornando-a acessível aos encontros amorosos e permitindo uma sensação de sentimento verídico e recíproco. É a época do *niedere minne*, o “baixo amor”, não assinalado por uma pretensa qualidade inferior de seus poemas, mas, pelo contrário,

uma racional reelaboração estética dos ideais cortesões, que para Walther já se afiguram ultrapassados, pois este centra-se agora em um plano mais “real”. O cenário muda da corte para o campo, onde a natureza enlaça os amantes:

Under der linden
an der heide,
dâ unser zweier bette was,
dâ mugt ir vinden
schône beide
gebrochen bluomen unde gras.
vor dem walde in einem tal,
tandaradei,
schône sanc diu nahtegal.
Ich kam gegangen
zuo der ouwe:
dô wart mîn friedel komen ê.
dâ wart ich enpfangen,
hêre frouwe,
daz ich bin saelic iemer mê.
Kuster mich? Wol tûsentstunt:
tandaradei,
seht wie rôt mir ist der munt.
Dô het er gemachet
also rîche
von bluomen eine bettestat.
des wirt noch gelachet
inneclîche,
kumt iemen an daz selbe pfat.
bî den rôsen er wol mac,
tandaradei,
merken wâ mirz houbet lac.
Daz er bî mir laege,
wessez iemen
(nu enwelle got!), so schamt ich mich.
was er mit mir pflaege,
niemer niemen
bevinde daz, wan er unt ich,
und ein kleines vogelîn:
tandaradei,
daz mac vol getriuwe sîn.

Embaixo da tília
na charneca,
lá onde estava o nosso leito,
lá podeis encontrar

duas belas coisas,
flores colhidas e grama.
Diante da floresta, em um vale,
tandaradei,
belamente cantava o rouxinol.
Eu fui
ao prado:
lá já chegara antes meu amigo.
Então fui recebida,
“Formosa dama”,
o que me deixa cada vez mais feliz.
Ele me beijou? Umas mil horas:
tandaradei,
vede como está vermelha minha boca.
Lá ele fez
um rico
leito de flores.
Ri-se disso
no íntimo,
quando alguém passa por aquele atalho.
Ele bem pode pelas rosas,
tandaradei,
perceber onde jazia minha cabeça.
Ele estar deitado ao meu lado,
se alguém soubesse,
(Não queira Deus!), eu me envergonharia.
O que ele fez comigo,
nunca ninguém
descubra isso, só ele e eu,
e um pequeno passarinho:
tandaradei,
que ele possa ser fiel.

O *minne* persiste, entretanto o *liep*, “amor sensual”, evidencia-se no contato amoroso, onde a dama toma a palavra e passa à ação, não apenas mais *frouwe* e *herrîn*, como também *wîp*, a mulher fisicamente constituída. Esta segunda fase da produção do bardo germânico, entretanto, ainda corresponde a sua estada na corte dos Babenberger em Viena. Seus *Lieder* (poemas) denunciam a manutenção das tendências estilísticas do trovadorismo e simultaneamente inovam com o toque pessoal por *ir de encontro ao individual numa atitude de abertura ao mundo*⁴ Tal movimento de partida para o outro pode ser melhor vislumbrado após sua partida definitiva de Viena em 1198, quando assume o poder o duque Leopoldo VI. Sobre os motivos da saída de Walther da corte ainda não se acorda, porém as

condições sócio-políticas do Império determinariam decisivamente os futuros versos do poeta.

Walther passa, então, a procurar serviço em cortes de outros nobres. Procura serviço em terras do margrave Dietrich von Meissen, do bispo Wolfger von Ellenbrechtskirchen, de Ludwig von Thüringen, do conde Dieter Katzenellenbogen e do duque Bernhard von Kärnten. Paralelamente, sua visão política o leva a apoiar nas questões imperiais primeiramente a Felipe da Suábia, depois a Otto IV e finalmente a Frederico II. O serviço a diversos senhores é freqüentemente criticado por estudiosos, mas exatamente seu conceito de *Dienst*, “serviço” merece esclarecimento. O poeta procura apoiar aqueles soberanos, cujo plano de governo possa trazer uma paz duradoura para as regiões do *Reich*, maculado pelo perigo iminente de desintegração política e moral. O autor relata em seus versos uma situação histórica a ele contemporânea. Ele compõe poesias sentenciosas, *Spruchdichtungen*.

O Sacro Império Romano Germânico - *Heilig Römisches Reich Deutscher Nation* – foi instituído pelo papa João XII com a sagração de Otto I em 02 de fevereiro de 962. A partir desta data, a casa imperial saxônica da dinastia otoniana coloca em prática a idéia de Carlos Magno em formar um estado universal, com o beneplácito e proteção da Igreja. Deste modo, fundamenta-se uma práxis político-religiosa, que acompanhará os fatos decisivos na história do Império.

À época de Walther, a casa dos Staufen conduzia a política imperial, primeiramente nas mãos de Frederico Barba-Ruiva (de 1152 a 1190) e posteriormente Henrique VI (de 1190 a 1197). Ao seu redor agrupavam-se nobres denominados gibelinos, nome proveniente de *Waiblingen*, castelo e grito de guerra dos Hohenstaufen. As pretensões territoriais de Barba-Ruiva levaram-no até à Itália e conseqüentemente a um choque com a esfera política do papado. Os aliados da Santa Sé defendem do mesmo modo os seus interesses locais, pois são partidários da família dos *Welfen*, “guelfos”, cujo principal líder era Henrique, o Leão. Por ter se negado a apoiar o imperador Frederico I em sua campanha italiana, foram-lhe confiscados todos os seus feudos à exceção de terras na região de Brunswick.⁵ Quando do falecimento de Henrique VI em 1197, o Império tornou-se palco da disputa entre as duas facções, com a sua cisão definitiva ocorrendo na eleição do novo

imperador. Como pano de fundo europeu aparecem ainda os *Dictatus papae*, de papa Gregório VII, com seu objetivo de converter toda a cristandade ocidental em simulacro do reino de Deus sob sua direção, ao mesmo tempo em que as cidades italianas sob jurisdição imperial lutavam por sua soberania. Erwin Theodor⁶ assim esquematiza um quadro das tensões existentes então:

Nesta situação é fácil entender por que, após a morte de Henrique VI, cindiram-se os nobres alemães e, enquanto alguns, leais aos gibelinos, procuraram o Duque Filipe da Suábia, o mais novo entre os filhos de Frederico I, oferecendo-lhe a Coroa, preferiram outros o líder guelfo, Duque Otto, segundo filho de Henrique, o Leão ...

Walther coloca-se à disposição de Felipe, pois nele vê o continuador da política imperial dos Hohenstaufen, que contrabalançava a influência papal. Seu papel como homem de letras o levava à denúncia social conforme sua *Welteinstellung*, i.e., sua visão de mundo, da mesma forma que suas necessidades diárias instavam-no a uma ação, cuja recompensa poderia ser a volta a uma estabilidade de tempos atrás.

Es gienc eines Tages als unser herre wart geboren
von einer maget die er im zemûter hat erkorn
ze magdebvrg der kûnig phillipes schone
da gieng eins keisers brûder vnd eins keisers kint
in einer wat swie doch die namen drige sint
er trûc des riches zepter vnd die krone
er trat vil lise im was niht gach
im sleich ein hoh geborne kûniginne nach
rose ane dorn ein tvbe svnder gallen
dû zuht was niener anderswa
die dûringe vnd die sahsen dienten also da
das es den wisen mûste wol gevallen

Um dia, quando Nosso Senhor veio à esta terra,
de uma virgem, que Ele escolhera como mãe,
a Magdeburg foi o belo rei Felipe,
andou o irmão e filho de um imperador
com um traje, e embora havendo três nomes,
ele levou o cetro e a coroa.
Ele caminhou bem lentamente
e sua rainha de alta linhagem atrás vinha:
ó rosa sem espinhos, ó pomba de especial bÍlis
com boas maneiras e cortesia.

Os turíngios e os saxões lhe serviram como nunca,
de modo a agradar a todos os sábios.

O apoio a Felipe e consorte demonstra o pensamento político do bardo nesta primeira fase de suas poesias sentenciosas. À descrição do casal imperial, com sua indumentária e passos distintos somam-se elementos que o definem como escolhido por Cristo, justificando a mão divina na escolha de Felipe. Aos nobres da Turíngia e da Saxônia coube o respeito e o serviço, Dienst, como deveria suceder a todo sábio membro da nobreza.

No entanto, a idéia de um dominum mundi acalentada por Barba-Ruiva praticamente desaparecera nas regiões italianas através dos atos do papa Inocêncio III, que habilmente se tornou tutor do jovem Frederico II, filho de Henrique VI e confirmou Otto como imperador em 1201. O futuro Otto IV, segundo Erwin Theodor,⁷

havia renunciado perante o papa aos direitos desfrutados pelos reis alemães desde a Concordata de Worms (1122), reconhecendo mesmo a ampliação arbitrária do Estado Papal, praticada por Inocêncio III. A Igreja Imperial, instituída por Otto, o Grande, deixava de ter existência.

Posteriormente, no ano de 1204, poderosos príncipes imperiais apoiaram a causa do Staufer, o que permitiu a Felipe recuperar importância política e territorial até sua morte no ano de 1208. Esta não encontrou eco nos versos de Walther, desencantado com as atitudes do imperador assassinado, que, por sua vez, não lhe teria propiciado o desejado feudo para sua estabilidade social. O merecido soldo não chegara em suas mãos:

Philippes kûnig die nahe spehenden zihent dich
dvn sist niht dankes milte des bedunket mich
wie dv da mitte verliesest michels mere
du möhtest gerner dankes geben tvsent pfvnt
danne drissec tvsent ane danc dir ist niht kvnt
wie man mit gabe erwirbet pris vnd ere

Ó rei Felipe, com muita freqüência ouço de emissários,
que tu não gostar de doar – mas isso seria pouco inteligente.
Assim muito mais tu perderás,
e se tu desses trinta mil schillings mesmo por ingratidão
a ti seriam dados com prazer muitos milhares mais
aprenda, pois, a ganhar com ricas dádivas.

O poeta advertiu ao finado monarca através de suas palavras, juntando sua percepção da realidade da corte com seus próprios anseios.

O momento do fim aparente das hostilidades entre guelfos e gibelinos com a volta à unidade e soberania do Império é aguardada por Walther. Este tópico, como assevera Celso Thompson⁸ caracteriza uma fortíssima preocupação política do poeta que defende

a luta pelo predomínio do poder imperial, *Kaisertum*, frente ao papado, *Papstum*, estimulando a fusão dos conceitos de *Reich*, Povo e Nação. Isto num universo carente de fronteiras naturais sólidas e oscilando entre uma herança de dispersão e individualismo das antigas tribos germânicas e em contraponto a afirmação de um Império Universal, por mais que a materialização desta última hipótese esbarrasse em obstáculos vários, que limitavam o alcance da idéia imperial aos habitantes da Alemanha, Itália e Borgonha.

Assim, a figura de Otto IV aparece como o personificador do antigo ideal político imperial e o poeta saúda o soberano no Concílio de Frankfurt em 1212:

Herre keiser ir sit willekomen
des kûniges nam ist û benomen
des schinet ûwer krone ob allen kronen
ûwer hant ist kreftic gûtes vol
ir wellent ûbel oder wol
so mvget ir beidû rehten vnde losen
dar zû sage ich iv mere
die fûrsten sint iv vndertan
vnd habent mit zûhten ûwer kvnft erbeitet
vnd ie der missenere
der ist iemer ivwer ane wan
von gotte wurde ein engel e verleitet

Senhor imperador, sejais muito bem vindo,
o rei já foi tirado de vós
e vossa coroa reluz sobre todas as outras.
Vós tendes a mão repleta de poder e ouro,
que, se quiserdes o bem ou o mal,
podeis facilmente castigar e ricamente recompensar.
Agora, pois, dir-vos-ei a nova:
os príncipes são vossos vassallos
e vos esperam respeitadamente.

Especialmente o Meissner,
que sempre foi vosso, com certeza:
antes um anjo enganaria a Deus.

A mesura do cumprimento e arma da ironia dão o tom ao *Spruch*: Walther recepciona o imperador como arauto-poeta, enumerando seu poder como senhor absoluto. Não obstante o elogio, informa a Otto IV sobre a posição dúbia de diversos nobres, dentre eles o margrave Dietrich von Meissen, que durante a ausência do imperador, teria arquitetado uma revolta. O poeta torna-se arauto, atento às notícias e protegendo seu senhor. Convergem aqui o texto e a informação de cunho histórico, ambos microcosmos do início do século XIII.

Mesmo assim, a sustentação política do imperador corria sérios riscos. Já entre 1209 e 1211, Otto IV romperá sua aliança com o papado, tencionando incorporar sob seu cetro as regiões sob influência e domínio papal na Itália. Investe também contra o reino da Sicília, a pedido dos inimigos do rei Frederico II. Inocêncio III intervém e o excomunga. Visto como novo inimigo a tentar desestabilizar a governabilidade do *Reich*, o papa torna-se alvo das sentenças de Walther von der Vogelweide. A constante intromissão do Estado Pontifício com ambições teocráticas nos negócios do Império é criticada pelo vate, que, ao mesmo tempo, assinala o fluxo de divisas para os cofres de Latrão:

Sagent an her stoc hat ûch der babest har gesendet
das er in richet vnd vns tûtschen ermet vnde swendet
swenne im dû volle masse kvmt ze latran
so tût er einen argen lift als er e hat getan
er seit vns danne wie das riche ste verwarren
vnz in erfûllent aber alle pfarren
ich wenne des silbers wening kvmet zehelfe in gottes lant
grossen hort zerteilet selten pfaffen hant
her stoc ir sit vf schaden har gesant
das ir vs tûtschen lûten sûchent tōrinnen vnde narren

Diga, senhor cepo,⁹ o papa vos mandou aqui
para que vós o torneis rico, a nós, alemães, pobres e penhorados.
Quando toda essa quantia afluir para Latrão,
ele fará uma malandragem como já fez antes.
Ele diz, por causa da miséria dos ricos devemos
encher todas as caixas das paróquias.
Eu temo, que deste ouro pouco irá para a terra de Deus,

pois um padre não dá dinheiro de sua mão.
Senhor cepo, enviado em nosso detrimento,
de modo que os tolos e insensatos alemães aplaquem vossa cobiça.

Os testemunhos dos *Carmina Burana*, poemas dos séculos XII e XIII, comprovam um pensamento contrário à Cúria em terras do Sacro Império. A voz de Walther associa-se às canções dos goliardos e juntas quase que documentam a gestão eclesiástica dos rendimentos provenientes das esmolas e doações. Visualiza-se nesta poesia sentenciosa o sentimento nacional do poeta ao se intitular um *tûtschen*, “alemão”.

Porém o domingo de Bouvines (27 de julho de 1214) colocaria um termo às pretensões de Otto IV. Derrotado no campo de batalha, perde a autoridade moral e política para gerir o Império e seu irmão, o conde Henrique, dá a Frederico II as insígnias imperiais. Walther conhece o quinto mandatário do Império.

Frederico II, gibelino, da casa dos Staufen é uma das figuras históricas mais importantes da primeira metade do século XIII, reinando entre 1215 e 1250¹⁰. Seu comportamento leva-no à comparação com um estadista moderno, segundo Erwin Theodor¹¹:

Todo o seu posicionamento intelectual, sua tolerância religiosa, seu ceticismo perante tradições superadas, seu reconhecimento do primado da razão, sua capacidade de entender a propaganda como meio de realizar políticas eficientes, transformaram-no na memória dos povos num soberano quase moderno.

Este imperador, bom conhecedor de latim, grego e árabe, representa o último monarca alemão, que integra a Itália ao Império. A princípio, as relações entre o jovem Frederico II e o poeta não foram benéficas para este último, razão que o conduziu a oferecer seus serviços a outros nobres até o ano de 1220, quando finalmente foi recompensado pelos seus préstimos. Walther exclama exultante:

Ich han min lehen al die werlt ich han min leen
nv enführte ich niht den hornvng an die zehen
vnd wil alle bôse heren dester minre vlehen
der edel kûnic der milte kûnic hat mich beraten
das ich den svmer luft vnd in dem winter hitze han
minen nahgeburen dvnke ich verre bas getan
si sehent mich niht mer an in bvtzen wis als si wilent taten

ich bin ze lange arn gewesen ane minen danc
ich was so volle scheltens das min aten stanc
das hat der kûnic gemachet reine vnd dar zû minen sanc

Ó mundo, eu tenho meu feudo, eu tenho meu feudo.
Nunca mais temerei o frio em meus dedos dos pés,
muito menos ter que implorar algo aos maus senhores.
O nobre e bondoso rei deu a mim sustento,
de forma que eu posso ter a brisa no verão e o calor no inverno.
Os vizinhos me olham com outros olhos
e não observam mais em mim como sempre um rosto amedrontado.
Por muito tempo fui pobre, sem um agradecimento,
e estava cheio de ira, de tal forma que minha respiração fedia.
O rei a purificou e por isso meu canto.

Seriam então as Spruchdichtungen cantos absolutamente direcionados ao seu próprio bem estar? Acreditamos que não somente, como também refletem o desabafo de um homem, que colocou seu talento a serviço de imperadores, reis e nobres. Walther von der Vogelweide é um sujeito consciente de seu tempo, coaduna-se com a política de seus soberanos e usa a poesia como instrumento de propaganda imperial, ao mesmo tempo em que luta pelos seus interesses. Como Minnesänger, reconhece na palavra escrita – cantada – o papel de divulgadora de idéias e de co-formadora de opiniões. Ao longo de seus quase sessenta (?) anos de vida, o poeta, como um vate, inspirado talvez pelas valquírias germânicas, cantou o amor cortes, celebrou o encontro amoroso dos casais e engajou-se em questões palpitantes de seu tempo. Ele viveu e utilizou seus textos como forma de participação social.

Poesia histórica e/ou realidade literária? A Literatura não é, nem deve ser um espelho da realidade histórica. Do mesmo modo, o documento histórico significa um modelo de percepção e entendimento de uma dada realidade. Ambos os caminhos podem ser englobados lato sensu naquilo que entendemos como cultura, i.e., o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade.¹² Os Lieder de Walther von der Vogelweide, e em especial as poesias sentenciosas, prestam-se muito bem a essa recomposição factual a partir de uma perspectiva histórica. Se, para a análise do testemunho histórico, como afirmam Pereira & Chaloub¹³ deve-se sempre ter em vista que os sujeitos vivem a história como indeterminação, como incerteza, como necessidade

cotidiana de intervir para tornar real o devir que lhes interessa, os textos do Minnesänger fornecem elementos histórico-literários, que ao reduzir a escala de observação (Sacro Império - séculos XII-XIII), proporcionam ao estudioso da Idade Média uma visão privilegiada de suas tensões internas e externas através da arte da palavra.

Bibliografia

- BACHMANN-MEDICK, Doris. (Hrsg.) *Kultur als Text – die antropologische Wende in der Literaturwissenschaft*. Frankfurt am Main: Fischer, 1996.
- BEUTIN, Wolfgang *et alii*. *História da literatura alemã*. Lisboa: Cosmos, Apáginastantas, 1993. v.1.
- BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique. (Org.) *Passados compostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/ FGV, 1998.
- CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Org.) *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1987.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- LEXER, Matthias. *Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch*. 35. Aufl. Stuttgart: S. Hirzel Verlag, 1979.
- LOYN, H.R. (Org.) *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- SALZER, Anselm & TUNK, Eduard von. *Illustrierte Geschichte der deutschen Literatur*. Köln: Naumann & Göbel, /o.D./. Band 1.
- SELANSKI, Wira. *A poesia de niedere mine de Walther von der Vogelweide*. Rio de Janeiro: Imprensa Velha Lapa, 1997.
- SIEBERT, Christa. *Walther von der Vogelweide*. In: SILVA, Idalina Azevedo da. (Org.) *Cadernos de Letras*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, Setor de Publicações, 1986. p. 9-16.
- THEODOR, Erwin. A Alemanha no mundo medieval. In: MONGELLI, Lênia Márcia. (Org.) *Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI-XIII)*. Cotia: Íbis, 1997.
- THOMPSON, Celso Pérciles Fonseca. *Walther von der Vogelweide – o elogio do soberano*. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ.
- THURNHER, Eugen. *Herr Walther von der Vogelweide*. Graz und Wien: Stiasny, 1959.

Notas

* Texto publicado em BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Poesia histórica e/ou realidade literária: Walther von der Vogelweide e a “Alemanha” nos séculos XII e XIII – uma abordagem culturalista. In: SILVA, Andréia Frazão da & SILVA, Leila Rodrigues da. *Atas da IV Semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2001. p. 57-68.

** Mestre em Linguística e Filologia Românica - UFRJ. Doutor em Letras (Letras Clássicas) - UFRJ. Professor do Departamento de Letras Anglo-Germânica da UFRJ.

1 CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1987.p. 16-17.

- 2 CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 7.
- 3 BACHMANN-MEDICK, Doris. (Hrsg.) *Kultur als Text – die antropologische Wende in der Literaturwissenschaft*. Frankfurt am Main: Fischer, 1996. p.10.
- 4 BEUTIN, Wolfgang *et alii*. *História da literatura alemã*. Lisboa: Cosmos, Apáginastantas, 1993. v.1. p. 64.
- 5 As informações de cunho introdutório sobre os guelfos e gibelinos foram retiradas de LOYN, H.R. (Org.) *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 176.
- 6 THEODOR, Erwin. A Alemanha no mundo medieval. In: MONGELLI, Lênia Márcia.(Org.) *Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI-XIII)*. Cotia: Íbis, 1997. p.132.
- 7 Ibid.
- 8 THOMPSON, Celso Pércles Fonseca. *Walther von der Vogelweide – o elogio do soberano*. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ. p. 35.
- 9 Coluna oca, nas igrejas, onde se depositam esmolas.
- 10 Confira a excelente biografia de Frederico II por Eberhard Horst – *Friedrich der Staufer – Die Biographie*. München: Econ Taschenbuch Veerlag, 2000.
- 11 Erwin Theodor op. cit. p. 139.
- 12 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 508.
- 13 CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Org.). op. cit. p.9.